

IDÉIAS DE ÁFRICA NA REVISTA *O CRUZEIRO*

Karine Costa Oliveira

Graduanda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

E-mail: Karinecost@hotmail.com

Palavras-chave: África. Representação. Fotojornalismo. *O Cruzeiro*.

No Brasil os estudos sobre África vêm ganhando destaque. De acordo com Alberto da Costa e Silva (2003, p. 229-240) é válido o esforço de tentarmos entender a África, pois esse continente está intimamente ligado ao Brasil e isso ajudaria a explicar-nos, visto que foi de lá que veio grande parte de nossos antepassados. Vale salientar que a justificativa de estudos sobre a história da África e também de como vem sendo representada se deve por sua própria história, pois tal continente é considerado o berço da humanidade.

Nesse sentido este artigo tem como objeto de estudo as representações da África construídas, reproduzidas e veiculadas na imprensa brasileira, particularmente, pela revista *O Cruzeiro* nos anos de 1950 a 1959. Os marcos temporais estabelecidos devem-se ao fato desse período ser considerado o auge da revista sendo que em alguns meses atingiu o ápice de tiragens e distribuição no Brasil e também houve a consolidação da utilização da fotografia no chamado fotojornalismo ou fotorreportagem.

De acordo com Roger Chartier (1990, p. 17), as práticas sociais são produzidas por representações pelas quais os sujeitos e os grupos dão sentido ao seu mundo. Assim, as representações são resultados da leitura que os sujeitos fazem do mundo. O autor salienta que na formação das representações sociais não existem discursos neutros, pois esses são produzidos para legitimar e impor as vontades, as percepções sociais daqueles que as divulgaram. De modo que pretendemos analisar quais foram as representações textuais e fotográficas sobre a África construídas pelo discurso de *O Cruzeiro* no Brasil.

Conforme Tania de Luca (1999, p. 10) foi nas décadas finais do século XX que houve significativa alteração das práticas historiográficas, sobretudo, a partir da terceira geração dos *Annales*¹ que propôs novos objetos, problemas e abordagens. Assim, os jornais e as revistas

¹ Ver: BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929 – 1989)*. São Paulo: UNESP, 1991.

foram ganhando credibilidade nas produções acadêmicas, possibilitando à ampliação de estudos com temas ligados às representações, às mentalidades.

No que diz respeito ao impresso revista, a autora considera que aos poucos o gênero foi se diferenciando e no Brasil teve como marco do modelo das chamadas revistas de variedades ou ilustradas *A Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1900). As revistas conquistaram espaço, devido à leitura agradável, diagramação que garantia lugar para imagens e conteúdos diversos como: moda, jogos, fatos curiosos, acontecimentos sociais, literatura entre outros. Possibilitou a inclusão de uma gama de variedades aos leitores.

Já para a discussão sobre fotografia utilizaremos as noções definidas por Boris Kossov (1989) para quem as fotografias são importantes documentos que revelam informações, emoções, aspectos expressivos do cotidiano, das sociedades. Seus conteúdos não podem ser pensados como meras ilustrações de texto. Pensando o uso das fotografias veiculadas, particularmente, pela imprensa, temos que considerá-las sempre enquanto mensagem político – ideológica.

A fotografia representa determinados aspectos da realidade. Por mais que as imagens fotográficas possam ser vistas como uma verdade, são sempre construções que resultam da mistura de técnica, estética e ideologia e são um poderoso instrumento para veiculação de idéias.

Portanto, ao tomarmos a revista *O Cruzeiro* como fonte de nosso estudo, levamos em consideração os cuidados quanto a utilização da imprensa como fonte, pois entendemos que tais fontes não são “a verdade”, mas parte do contexto de uma determinada época. São principalmente fontes que informam e formam opinião, importantes meios de comunicação ligados a posições políticas, econômicas e ideológicas.

A revista *O Cruzeiro*

Segundo Thomaz Corrêa (2000, p. 44) a revista *Cruzeiro*, em 1928, fundada por Carlos Malheiros, que dois anos depois passou a se chamar *O Cruzeiro* e integrava os *Diários Associados* do visionário jornalista Assis Chateaubriand, que dava os primeiros passos para se tornar um imperador do mercado editorial brasileiro. Conforme Juarez Bahia (1990, p. 185) em 10 de novembro de 1928, com uma tiragem de 50 mil exemplares semanais, inédita em sua categoria, nasceu a revista *Cruzeiro* que chegou aos leitores do Rio de Janeiro, onde era editada, e aos principais Estados do país e logo esgotou.

Depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira (...) **Cruzeiro** encontra já, ao nascer, o arranha-céu, a radiotelephonia e o correio aéreo: o esboço de um mundo novo no Novo Mundo. Seu nome é o da constelação que, ha milhões incontaveis de annos, scintila, aparentemente immovel, no céo austral, e o da nova moeda em que resuscitará a circulação do ouro (...) (REVISTA O CRUZEIRO, Ano I, n. 01, 10 nov. 1928). (Grifo do autor.)

A revista se situava editorialmente numa perspectiva que abandonava o passado colonial, e vivia outro tempo, o da revista impressa a cores em rotogravura,² da velocidade do avião, da extensão do correio aéreo, do conforto do automóvel, enfim um mundo novo. *O Cruzeiro* inovou em vários aspectos a cobertura da imprensa, nas suas matérias, fotografias, gráficos, mapas e ilustrações propondo uma cobertura interpretativa e analítica dos fatos, em oposição às primeiras revistas brasileiras que não davam muita ênfase as notícias. De modo que a partir desse momento as reportagens³ tiveram um peso cada vez maior.

Nesse sentido, *O Cruzeiro* transformou a concepção de revista ilustrada que se tinha até então no país, inspirada na revista norte-americana *Life*, consagrando-se com a valorização da fotografia, dos repórteres fotográficos, das ilustrações, das grandes reportagens e, sobretudo, do fotojornalismo. Definido por Jorge Sousa como:

(...) uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas. O termo pode abranger quer fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projetos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos *features* (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo,...) é informar (SOUSA, 2002, p. 7-8).

O Cruzeiro foi uma revista de variedades considerada no período a maior da América Latina. Circulou no Brasil, Argentina, Chile, Portugal, Espanha e mantinha correspondentes em *New York, Montreal, Lima, Santiago, Toronto, Ottawa, Quebec, Copenhagen, Valparaiso, Salisbury (Rhodesia), Colombo e Melbourne*.⁴ A distribuição da revista foi possível por meio do aperfeiçoamento das empresas de transporte ferroviário, rodoviário, marítimo e aéreo favorecendo um maior dinamismo das entregas por correio e das vendas avulsas.

² Uso da técnica da impressão por cilindro.

³ Gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos. Setor da redação incumbido de apurar e redigir notícias. Ver: LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1993.

⁴ Fragmento extraído do documento referente à distribuição da revista durante o mês de outubro de 1949 publicado na Revista *O Cruzeiro*, Ano XXII, n. 12, p. 89, 07 jan. 1950.

Representações de África no Brasil

São muitos os estudos sobre as representações da África no Brasil. Vale ressaltar o pioneirismo de José Honório Rodrigues (1961, p. 3-5) em tal abordagem. Para o autor o Brasil sempre manteve relações estreitas com o continente africano ou com certas regiões deste. Na imagem brasileira do continente houve influência das idéias européias mais precisamente dos portugueses. Estes desde o século XVI disseminaram “(...) a impressão de bestialidade, brutalidade e maldade que tiveram dos negros” (RODRIGUES, 1961, p. 03-05) e consequentemente da África.

Anani Dzidzienyo (1970, p. 79-97) em seu artigo *A África vista do Brasil: Uma pesquisa sobre o modo pelo qual o Jornal da Bahia encarou a África de 1958 a 1969, inclusive as relações do Brasil com os países africanos* apresenta as notícias sobre a África analisando-as e procurando sempre estabelecer uma relação entre Brasil - Portugal - África apontando a importância da África na contribuição da formação do Brasil.

Juvenal de Carvalho (2002, p. 07-120) em sua dissertação *Veja: Um Olhar sobre a Independência de Angola* faz um estudo sobre o modo como a África é vista na imprensa brasileira. O autor reflete sobre “Imagens da África” que para ele, foram construídas pelas classes dirigentes brasileiras. Seu objeto é a cobertura que a Revista *Veja* deu ao processo de independência de Angola (1968-1979).

Conclui que a imagem da África “que predomina na mentalidade coletiva do brasileiro” (CARVALHO, 2002, p. 118) está associada à falta de informação, ao distanciamento e as noções carregadas de valores negativos. A Independência de Angola para a Revista *Veja*, não foi uma conquista e sim uma concessão, uma retirada do governo português. Nesse sentido, às imagens produzidas sobre a independência de Angola para o autor, “reproduziu o padrão de relações que as classes dirigentes brasileiras desenvolveram com relação à África: omissão e distanciamento” (CARVALHO, 2002, p. 118).

Lucilene Reginaldo (2002, p. 99-121) em seu artigo *Vagas informações, fortes impressões: A África nos livros didáticos de História* identifica e analisa representações sobre a África em livros didáticos utilizados em escolas públicas de Salvador e Feira de Santana-Ba na década de 1990. Segundo Reginaldo a história da África foi relegada a um “(...) lugar menor, tem seu estudo envolto em vários preconceitos e limitações historiográfica (...)” (REGINALDO, 2002, p. 99-121) .

Meire dos Reis (2000, p. 07-145) em sua dissertação *A Cor da Notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana 1888-1937* analisou a partir de fontes jornalísticas particularmente, jornais baianos, a construção e reprodução do imaginário sobre o negro na sociedade baiana. O discurso da imprensa desse período evidenciou a absorção e adaptação das teorias raciais, dos conceitos de civilização e da ideia de democracia racial da elite baiana.

A construção da idéia sobre o negro estava associada ao seu continente de origem, por isso, a África foi também representada nos jornais. E chega a conclusão que as imagens sobre África estavam geralmente ligadas a um continente selvagem e de povos semibárbaros.

Nesses trabalhos supracitados vemos como as imagens em torno da África vêm sendo construídas desde o século XVI e como essas imagens estão na maioria das vezes vinculadas a “inferioridade, brutalidade, maldade” do continente que também é visto como algo “distante” e “homogêneo”.

Idéias de África no discurso de *O Cruzeiro*

Para a configuração desse estudo analisamos os anos de 1950 a 1959 que resultou em um total de 516 edições de *O Cruzeiro*. Por meio da pesquisa dessas edições encontramos um total de 220 notícias referentes à África. As notícias sobre África apareceram freqüentemente em reportagens; artigos sobre História do Brasil; artigos sobre o cenário internacional; seções sobre livros e seções de jogos e curiosidades.

O discurso da revista sobre África pode ser pensado em cinco aspectos: África no cenário político internacional; a seção Fototeste; a Relação Brasil-África; África sob as lentes do fotógrafo Pierre Verger e África selvagem. Para esse artigo optamos por trazer dois destes aspectos.

África sob as lentes do fotógrafo Pierre Verger

A idéia de África apresentada nas fotografias de Pierre Verger que foram acompanhadas, ora de textos de Odorico Tavares, ora de Gilberto Freyre pode ser pensada também dentro da relação África – Brasil. No entanto, são reportagens que merecem destaque por tratar, em grande parte, da relação África – Bahia trazendo um viés de contribuição da cultura africana e também relatos de experiências dos chamados retornados, escravos, libertos e ex-escravos que voltaram para África. Como podemos verificar abaixo:

COSME E DAMIÃO OS SANTOS MABAÇAS

São Cosme e Damião, patronos dos médicos e farmacêuticos, protetores da saúde – São Crispim e Crispiniano, patronos dos sapateiros – Os gêmeos Ibeji, que vieram da África – Tradições da Bahia, que glorificam os mabaças – A festa do caruru dos santos e os sete meninos.

Origem dos Santos

No que se refere ao ramo africano, sabe-se que foram os nagôs que nos trouxeram os seus gêmeos Ibeji, transformados numa das maiores tradições vivas das populações baianas, especialmente. Pois, repitamos, poucos santos são aqui tão populares quanto eles. Nos lares católicos, suas imagens são comumente encontradas, em oratórios particulares, como também na prática religiosa dos negros é invocado, como dissemos, sob o nome de Ibeji, “dentre as divindades africanas uma das de culto mais popular e disseminado nesta cidade” (TAVARES; VERGER, 1950, p. 35-44).

A ESCULTURA AFRO-BRASILEIRA NA BAHIA

O rosto severo de Iemanjá, mãe dos deuses negros, evoca as esculturas egípcias – Uma arte tribal e mágica que influi na criação estética da Europa moderna – Nina Rodrigues, maranhense da Bahia, um precursor – influencia da arte negra na criação artística da Europa contemporânea – As relíquias do I.H.G da Bahia.

Sòmente nos primeiros anos deste século os centros artísticos da Europa tomaram conhecimento de uma grande verdade: os negros africanos possuíam uma escultura atingindo padrões dos mais elevados. A civilização de Paris, Berlim, de Roma, “descobria” que os negros da África – sobretudo os das regiões do gôlfo de Guiné e do vale do Congo – eram senhores de uma arte com força e valores suficientes para fazer uma renovação nos setores das artes plásticas européias (...) (TAVARES; VERGER, 1950, p. 58-59).

Nestas reportagens identificamos a inserção de um discurso que apresentava a África vista como berço cultural de tradições importantes no campo cultural e de influências para a Bahia como a festa dos santos católicos Cosme e Damião, “resignificados” com elementos da cultura Afro-brasileira e a interessante culinária baiana cheia de influências do modo de cozinhar e também de sabores vindos da África.

Vejamos outras reportagens sobre África e Bahia que foram produzidas pela revista com as fotografias de Verger e os textos de Gilberto Freyre.

ACONTECE QUE SÃO BAIANOS I

Festas populares levadas do Brasil para África por africanos abrasileirados pela Bahia – Cantigas do Brasil ainda hoje cantadas em português – Erotismo contido por familismo – Explicação da sobrevivência dos “brasileiros” na África e de sua resistência à reabsorção pela cultura africana.

Não é de admirar que dentre os elementos de cultura brasileira levados à África por africanos abrasileirados por longo contato com o Brasil, destaquem-se as festas. As festas populares, com sua gorda e bonita substância folclórica. As festas profanas, das quais nem sempre é fácil

separar as religiosas propriamente ditas. Quase todos os africanos “brasileiros” voltaram à África, da Bahia (FREYRE; VERGER, 1951, p. 72-104).

ACONTECE QUE SÃO BAIANOS III CASAS BRASILEIRAS NA ÁFRICA

Arquitetura de feitiço brasileiro ou baiano na África – Mestres de obras, construtores, pintores de casas – As artes do móvel, da cozinha, do doce, do traje, levadas da Bahia para a África por africanos abrasileirados.

Sobrevivência da cultura brasileira na África, através da casa e das artes domésticas. (...) Confirma-se, ainda aqui, a tese desde o início esboçada nesta série de artigos: a de que foi o familismo unido ao cristianismo que permitiu aos africanos “brasileiros” de Lagos e de outros pontos da África, sobreviverem aos perigos da reabsorção da cultura luso-brasileira, por êles adquirida na Bahia, pela cultura africana (...) (FREYRE; VERGER, 1951, p. 102-106).

Nestas reportagens Gilberto Freyre falou sobre os descendentes de ex-escravos brasileiros que retornaram ao continente africano, sobretudo, para a região de Lagos e levaram tradições do Brasil, principalmente da Bahia para o outro lado do atlântico. Essa comunidade de “brasileiros” de certa forma “abrasileiraram” algumas regiões da África com as festas populares, as cerimônias religiosas, a culinária, as construções arquitetônicas entre outros fatores. Para Freyre, esses elementos facilitaram a sobrevivência da cultura luso-brasileira e de alguma maneira impediram uma perigosa reabsorção da cultura africana.

Ao mesmo tempo em que a revista apresentou algumas contribuições da cultura africana para o Brasil – Bahia trouxe também no texto de Freyre elementos preconceituosos, quando afirmou a superioridade da cultura luso-brasileira em detrimento da africana.



Foto 1

O Cruzeiro, Ano XXIII, n. 26, p. 58-59, 14 abr. 1951.
O Cruzeiro, Ano XXIII, n. 43, p. 74-104, 11 ago. 1951.

A foto 1 retrata duas reportagens com fotografias de Verger. Na primeira temos homens e mulheres festejando a festa do Bonfim na África e um cartaz que anunciava a festa brasileira, reforçando a imagem apresentada por Freyre de valorização da cultura luso-brasileira em África. Já a segunda imagem com texto de Tavares enfatiza a grandeza da cultura africana em esculturas de madeira, inclusive tidas como parte importante da renovação das artes no ocidente.

A África selvagem

Ainda que a revista *O Cruzeiro* tenha trazido, certa valorização da África nas reportagens de Freyre e Tavares com fotografias de Verger, o discurso predominante da revista foi de uma África selvagem, primitiva e exótica. Para tanto temos alguns exemplos:

ÁFRICA

Uma aventura extraordinária, em plenas florestas da África, entre tribos jamais vistas pelo homem branco e entre animais apanhados pela primeira vez na história. Atílio Gatti, que se tornou famoso pelas suas audaciosas aventuras, conta em *ÁFRICA* cenas de espantar, tornando o livro de um sabor sensacional. A fama do autor e suas viagens para museus e zoológicos dão fôrça de verdade às suas narrativas, à primeira vista acima da capacidade humana de resistência e coragem (...) (FREITAS, 1950, p. 39).

A ÁFRICA NEGRA DE ASSOMBROS E TERRORES OS GIGANTES GUÉRÉS MALABARISTAS DA MORTE

Gigantes negros da tribo Guéré – com a profissão de saltimbancos, vagabundeiam pelas fronteiras perdidas da Costa do Marfim, executando arriscados números de acrobacias, fazendo joguêtes de pobres crianças – o que a Expedição Davis viu em África. Em plena Era Atônica (...) a África, o vasto continente negro, como que desafiando os conceitos e as normas da civilização ocidental, permanece quase intransmutável, ostentando exuberantemente o esplendor selvagem dos primeiros tempos. Viajar pela África é penetrar pelos domínios assombrosos de mistérios e surpresas inenarráveis, em estranhos ambientes fetichistas entre gente exótica e bárbara (...) (DAVIS; HASSOLDT, 1952, p. 64-69).

Nestas notícias podemos verificar que a revista coloca a África como um todo homogêneo, primitivo, com paisagens e animais selvagens. Além, de estender tal impressão de primitivismo e exotismo as pessoas. A segunda reportagem merece destaque, pois ao falar de uma expedição pelo continente confirmou um discurso totalmente preconceituoso sobre África que foi vista como um lugar de “assombros e terrores” fora dos padrões de “civilização” europeus e povoada com “gente bárbara”.

Um tema muito explorado pela revista foi o *Safari* na África com reportagens que ganharam várias páginas e inúmeras fotografias. Vejamos dois exemplos dessas notícias:

SAFARI

Regressando, vinte anos depois, à cena de “As Neves do kilimanjoro”, Ernest Hemingway empreendeu uma viagem de cinco meses através da África oriental – Nas primeiras cinco semanas, sua “safari” (expedição) cobriu 2.000 milhas através da selvagem região de Masai, ao sul do Kenia, por caminhão, carro de caça, jipe e a pé – Acompanharam-no sua esposa Mary, um amigo cubano, um caçador branco, um batedor de caça, o fotógrafo Earl Theisen e 22 nativos. Ao voltar dessa viagem, Hemingway sofreu dois sérios desastres de aviação, do quais, porém, conseguiu escapar (...) (HEMINGWAY, 1954, p. 6-11).

UM PAR DE PRÊSAS DE MARFIM

Cada de elefantes – Bagagem de troféus – sensação de perigo – A marcha do “safári” – Um par de prêsas de marfim- Instinto e inteligência – Na floresta – Um tiro no ouvido – Hienas, leões e antílopes – Alegria do “zus” – Na África Equatorial Francesa.

(...) Faziam já cinco meses que estava enterrado na África Equatorial Francesa, em companhia dos meus sobrinhos (...) e a nossa bagagem de troféus não era desprezível: crocodilos, antílopes (...). Mas o que mais ambicionávamos era um par de prêsas de marfim (...) (AMARAL FILHO, 1950, p. 38-62).



Foto 2
O Cruzeiro, Ano XXII, n. 43, p. 38-62, 12 ago. 1950.

As reportagens que trataram de safáris no continente africano, geralmente, explicavam de modo geral, como se organizava um empreendimento desse tipo, os lugares, as despesas com comida, hospedagem e com os guias. Incentivando sempre o abatimento em massa de animais de determinadas regiões do continente como: elefantes, búfalos, leões, hipopótamos entre outros. E na maioria das vezes as pessoas foram comparadas a animais não só no sentido do “selvagem” mais também do “exótico”. A segunda foto retrata as expedições de caça na África, os chamados Safáris. Reforçando o sentido dado a imagem, os textos das legendas enfatizam o continente como o lugar propício para buscar feras, emoções e troféus.

Pode-se considerar que no período analisado a revista *O Cruzeiro* produziu, reproduziu e veiculou discursos sobre África. Esses foram apresentados ora em uma perspectiva de reconhecimento e valorização, sobretudo da cultura africana, nas fotografias de Verger ora, e predominantemente uma África mística, selvagem, primitiva e exótica destoante dos comportamentos aceitos pela dita “civilização” ocidental.

Considerações Finais

No século XX a imprensa periódica como os jornais e as revistas foram certamente os grandes meios de comunicação no Brasil. Esses veículos produziram e reproduziram idéias e imagens sobre muitos aspectos da sociedade e ajudaram na construção de determinadas mentalidades. Ressaltamos que a imprensa produz discurso que consideram verdadeiros, por isso as imagens veiculadas na mesma, acabam moldando, educando os comportamentos e modos de ver dos leitores.

Assim o fez a revista *O Cruzeiro* sobre o continente africano nos anos de 1950. A revista produziu, reproduziu e veiculou por meio de textos e fotografias certas imagens e idéias de África no seu discurso.

Ora apresentou uma idéia de África através das fotografias de Pierre Verger que retratavam certa valorização do continente numa mensagem de “resgate” das tradições culturais vinda da África e “resignificadas” no Brasil, bem como, das influências brasileiras em determinadas regiões do continente.

Todavia, as fotografias de Verger não vinham acompanhadas por textos seus, mas sim de outros autores como Odorico Tavares ou Gilberto Freyre, por isso, tal valorização foi apenas parcial. No sentido de que, por exemplo, nos textos de Freyre havia valorização e sobreposição da cultura luso-brasileira em detrimento à africana.

Ora a revista apresentou a idéia predominante de uma África homogênea, selvagem não somente no aspecto ambiental como também dos sujeitos, esses retratados como primitivos e bárbaros. Tal foi a imagem dominante sobre África no discurso de *O cruzeiro*, imagem que vem sendo construída há tempos, desde o período da escravidão no Brasil e que continuou a ser tecida ao longo de décadas e séculos. Uma idéia de África relacionada à selvageria, ao primitivismo, ao exótico visto aqui não somente como diferente mais como feio e inferior sendo essa a imagem que tem sido difundida e que permanece na mentalidade das pessoas.

Consideramos que a revista *O Cruzeiro* foi um dos veículos usados por um grupo, por mais que esse se defina como imparcial é certo que serviu as camadas dirigentes, a um modelo de ideologia. Entendemos que a construção deste tipo de discurso veiculado pela *O Cruzeiro* serviu para legitimar, impor e delegar à África como também aos seus descendentes um lugar inferior, subalterno, distante na mentalidade coletiva do povo brasileiro.

Referências

AMARAL FILHO, Anésio. Um par de prêsas de marfim. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXII, n. 43, p. 38-62, 12 ago. 1950.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *A escola dos Annales (1929 – 1989)*. São Paulo: UNESP, 1991.

CARVALHO, Juvenal de. *‘Veja’: Um olhar sobre a independência de Angola*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORRÊA, Thomaz Souto (Ed.). *A Revista no Brasil*. São Paulo: Abril, 2000.

DAVIS, Ruth; HASSOLDT, Davis. A África negra de assombros e terrores. Os gigantes Guérés malabaristas da morte. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXIV, n. 12, p. 64-69, 03 jan. 1952.

DZIDZIENYO, Anani. A África vista do Brasil: Uma pesquisa sobre o modo pelo qual o Jornal da Bahia encarou a África de 1958 a 1969, inclusive as relações do Brasil com os países africanos. *África- Revista do centro de estudos africanos*, São Paulo, USP, p. 79-97, 1970.

FREITAS, Geraldo de. No Mundo dos Livros. África. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXII, n. 15, p. 39, 28 jan. 1950.

FREYRE, Gilberto; VERGER, Pierre. Acontece que são baianos I. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXIII, n. 43, p. 72-104, 11 ago. 1951.

_____. Acontece que são baianos III. Casas brasileiras na África. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXIII, n. 45, p. 102-106, 25 ago. 1951.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: UGF, 1999.

HEMINGWAY, Ernest. Safari. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXVI, n. 18, p. 6-11, 13 fev. 1954.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Estética, memória e ideologia fotográficas: Decifrando a realidade interior das imagens do passado. *Revista do Arquivo Nacional*, v. 6, 1993.

LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1993.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVER, Roland. *A experiência africana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes, 2001.

REGINALDO, Lucilene. Vagas informações, fortes impressões: a África nos livros didáticos de história. *Revista Humanas*, Feira de Santana, n. 2, p. 99- 121, 2002.

REIS, Meire de. *A Cor da Notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana 1888-1937*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

REVISTA O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, Ano I, n. 01, 10 nov. 1928. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/>>. Acesso em: 24 maio 2009.

_____. Rio de Janeiro, Ano XXII, n. 12, p. 89, 07 jan. 1950.

RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África: outro Horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. Coleção Retratos do Brasil, v. 9.

SERPA, Leoní Teresinha Vieira. *A Máscara da Modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2003.

SILVA, Alberto da Costa e. A História da África e sua importância para o Brasil. In: *Um Rio Chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Ed. UFRJ, 2003. p. 229-40.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotografia: uma introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa*. Porto: 2002.

TAVARES, Odorico; VERGER, Pierre. Cosme e Damião: Os Santos Mabaças. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXII, n. 5, p. 35-44, 18 nov. 1950.

_____. A Escultura Afro-Brasileira na Bahia. *Revista O Cruzeiro*, Ano XXII, n. 26, p. 58-59, 14 abr. 1950.